

# Idéias

L I V R O S

CONTO

## Escritos além da multiplicidade

SÍNDROMES E SÍNDROMES (E CONCLUSÕES INEVITÁVEIS)

Cunha de Leiradella  
Retume-Dumará, 84 páginas  
R\$ 13

ANDRÉ SEFFRIN

Veterano ganhador de concursos literários, Cunha de Leiradella (1934) nasceu em Portugal, "nos contrafortes da Serra do Gerês, quase fronteira com a Espanha". Chegou ao Brasil em 1958, morou no Rio de Janeiro até 1980, quando se transferiu para Belo Horizonte. Ao contrário do que diz a nota biográfica de seu novo livro, publicou parte de sua obra também no Brasil (não apenas em Portugal). Mas o Brasil que ignora o Brasil pouco sabe de Cunha de Leiradella. Os nossos críticos e ensaístas não fazem referência à sua obra, apesar de ser ele um dos melhores contistas brasileiros da atualidade.

Consta que em 1953 publicou um romance: *Poetas*. Estudou teatro com Albert Camus, na França, escreveu diversas peças de teatro e foi um dos fundadores do TUCA. *O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior* (Nova Fronteira, 1987), que chamou de romance, prefiro ver como um conto longo, onde conta o andamento e não a extensão, na linha do que realizou Dalton Trevisan em *A polaquinha* (1985). Os romances que publicou em Portugal são praticamente desconhecidos aqui.

Com os contos de *Síndrome e síndromes (e conclusões inevitáveis)*, Prê-

mio Cultural de Literatura 1996, da Fundação Cultural do Estado da Bahia, confirma as suas potencialidades de contista que *Fractal em duas línguas* (FCC Edições, 1997) anunciava no primeiro semestre do ano passado. Livro que foi ignorado pela crítica e mal distribuído apesar da premiação amplamente divulgada.

Os desdobramentos complexos dos contos de *Síndromes e síndromes (e conclusões inevitáveis)* vamos já encontrar em germe no "romance" de 1987. Eduardo da Cunha Júnior – que, em certo sentido podemos considerar um alter-ego do escritor – é um personagem recorrente em sua obra. Como são recorrentes os temas (ou o tema central dos seus temas: a liberdade); a idéia da morte, o absurdo de existir, a obsessão do sexo – a síndrome do homem contemporâneo, gerado no pós-guerra, nas mudanças velozes do nosso mundo, com as preocupações que são as da humana condição.

Em *Síndromes e síndrome (e conclusões inevitáveis)* encontramos, de certa maneira, a decantação dos tormentos que acompanham a trajetória de Eduardo da Cunha Júnior, desdobra-se nos contos de *Fractal em duas línguas*. Agora, cada vez mais, o autor rarefaz o seu mundo e a forma narrativa em que o expressa, o que acaba por definir a espinha dorsal de *Síndrome e síndromes*, cinco contos que se identificam subliminarmente. Identificação que é um artifício, em que o autor per-

de um pouco aquela atmosfera que é uma marca registrada de sua narrativa limpa de acessórios, cristalina na sua lucidez e clareza rítmica.

Em *Fractal em duas línguas*, há a presença do fantástico e do absurdo (algo à Murilo Rubião), personagens isolados, fechados numa condição insólita, ou personagens cercados de realidades que nunca tinham percebido, para usar uma expressão do texto. Já em *Síndrome e síndromes*, o realismo nos traços e gestos que acompanham os personagens tornam desesperadoras e absurdas as situações. O cigarro e a bebida são a marca obsessiva e desesperada de uma situação sempre a mesma, que pode se repetir ao infinito. Se se estende numa dimensão, digamos, simbólica, é no uso apropriado da gíria, nos cortes narrativos executados de maneira precisa, nos diálogos-relâmpago, que o contista se afirma melhor.

No seu conto talvez mais intencionalmente simbólico, um personagem diz: "É, rapaz. A gente não morre só quando morre. A gente também morre quando nos obrigam a fazer o que não deve ser feito." É Cunha de Leiradella em seu elemento. Daí para as perspectivas político-sociais da visão satírico-futurista do último conto, é um passo de sete léguas mas consciente: "... que nestas Vossas Terras de Passa Fora, Foragydos e Outros Povos, manda quem pode e obedece quem tem juízo", sobretudo porque deve "haver

sempre democracia & liberdade. Principalmente liberdade."

Nesse caso, a sátira ao mundo atual e à palavra que o expressa, se não desnorteia o eixo de suas preocupações de ficcionista, talvez o distancie um pouco do que tem de melhor, ou seja, a força telúrica que imprime aos cenários e personagens ou a riqueza descritiva de certas paisagens no conto "Síndrome da consciência coletiva", por exemplo.

Tecnicamente, percebe-se em Cunha de Leiradella o virtuoso. Sem que com isso tenhamos de encará-lo apenas como um exímio prestidigitador. Estamos diante de um escrito que além da segurança e da multiplicidade de seus recursos técnicos, traz o lastro humano e transfigurador dos grandes criadores. Entre as suas preferências de leitura cita Ionesco, Hemingway, Beckett, Camus, Eça, Graciliano e Rubem Fonseca. Diz ter sido marcado mais pelos dois primeiros e por Graciliano. Em muitas de suas páginas, pouco fica a dever a alguns desses mestres.

Seus personagens são frágeis, desamparados, insatisfeitos, subjugados pelo medo. Às vezes gritam, protestam, ou simplesmente não aceitam. Já nascem, como todos nós, no absurdo. Com a morte na alma, diria o mais notável dos existencialistas modernos, hoje um tanto desmonetizado pelas junções contemporâneas.

# CULTURA

Existe vida  
inteligente  
na literatura

HOMERO VIZEU ARAÚJO \*

**N**ão é necessário muito esforço para topar com afirmações de que, no Brasil, a literatura, em particular, e a cultura, em geral, encontram-se estagnadas, quando não à beira do colapso. A julgar pelos lançamentos recentes, não é bem assim. A editora Relume Dumará e a Fundação Cultural do Estado da Bahia, por exemplo, trataram de publicar em parceria livros agraciados com um certo Prêmio Cultural de Literatura. Cada um contém cinco contos relativamente curtos e todos os três reiteram que há movimento e qualidade no quadro literário brasileiro.

Cunha de Leiradella, em *Síndromes & Síndromes (e Conclusões Inevitáveis)*, é quem mais surpreende. Tem o narrador menos reflexivo e o mais voltado para o diálogo seco: o que se passa na cabeça das personagens fica a cargo da imaginação do leitor. Dos cinco contos, três são autênticos duelos urbanos entre homem e mulher, diálogos em que os subentendidos de agressividade e ironia parecem sempre a ponto de irromper na página.

*Síndrome da Musa Paradisiaca* é estu-pendo. A maior parte dele é um sensacio-nal exercício de humor e estilo em portu-guês arcaico, coisa de deixar eufórico e realizado o meu amigo Aníbal Damasce-no Ferreira, tarado semântico e estilístico confesso. Há dois narradores. Um é Sarnyno Olharyno, Escryvam & Plancta-dor de Musas Paradisiacas & Provedor de Elleyçõens, que envia seu relatório a uma

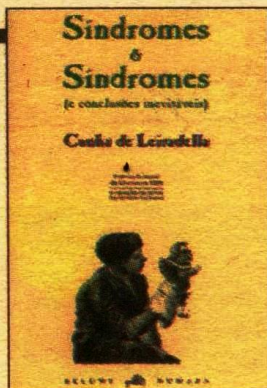
REPRODUÇÃO/ZH

autoridade, o Senhor das Promyções & Doa-ções & Mordomias Das Terras de Passa Fora, Foragydos & Ou-tros Povos. O outro é o ex-chefe da equipe de demolições siderais, que, num futuro distan-te, reproduz o texto de Sarnyno Olharyno, embora reconheça que tal relíquia arqueológi-ca é indecifrável.

A tal Terra de Passa Fora, Foragidos & Outros Povos é, claro, o Brasil, sobre cujos hábitos pitorescos o Escryvam lança seu olhar psêudoingênuo e acanalhado. Texto

que deveria ser decifrado, dali a mais de mil anos, pelo Presidente do Comitê de Línguas Mortas para o 104º Mundo, mas o erudito morre antes de dar cabo da tarefa. Os desencontros entre a bu-rocracia do futuro mais próximo e a do mais distante rendem o efeito cômico a denunciar nossa irrelevância, digamos, cósmica. Hilariante sem perder o rigor da construção, Cunha de Leiradella es-creveu um clássico.

\* *Professor de Literatura Brasileira da UFRGS*



**O QUE:** *Síndromes & Síndromes (e Conclusões Inevitáveis)*, de Cunha de Leiradella, Relume Dumará/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 81 páginas  
**QUANTO:** R\$ 13